

FATORES DA ROMANIZAÇÃO

META

Compreender a política de Roma para com os povos conquistados e a consequente adoção da cultura latina pela população das diversas províncias.

OBJETIVOS

Ao final desta aula o aluno deverá:

conhecer os diferentes fatores implicados no processo de latinização;

analisar a expansão da língua latina no contexto de relativa tolerância com que a administração romana tratava os valores religiosos e culturais de cada província;

evidenciar as reações das províncias perante o invasor romano e as suas consequências no âmbito linguístico.

PRÉ-REQUISITOS

Como sempre vem sendo dito, vale reconhecer, no âmbito dos estudos aqui propostos, o caráter acumulativo com que os assuntos estudados vão-se fazendo necessários na compreensão de novos conteúdos. As aulas se sucedem em cadeia e cada nova exposição implica, certamente, a referência aos dados anteriormente discutidos.

Continuam valendo também os conhecimentos fundamentais do latim, pois, na verdade, é de sua evolução que estamos aqui tratando e este processo evolutivo durou séculos, implicou diversas culturas, reuniu diferentes falares.

Adotando uma postura eclética, você estará abrindo os caminhos para adquirir bons conhecimentos da filologia românica, preparando, quem sabe, novos rumos de continuidade dos estudos nesta área logo após a graduação.

INTRODUÇÃO

Latinização e Romanização remetem à mesma fonte de conhecimento, ou seja, referem-se ao processo em que, pouco a pouco, a língua e a cultura latinas foram sendo assimiladas pelos povos dominados nos diferentes territórios sobre os quais se impôs o poderio de Roma. Comenta-se que a postura administrativa dos romanos nas províncias dominadas primava pela tolerância com que eram tratadas as religiões locais, bem como muitos traços culturais, desde que não entrassem em choque com a civilização invasora e o seu tão provalado Direito Romano (*Ius Romanum*).

Deve-se, porém, considerar que, por mais flexíveis que tenham sido os romanos, invasão será sempre invasão, implicando da parte do dominado a convivência com uma situação que ele não desejaria que acontecesse: ver suas terras ocupadas, seus concidadãos obrigados a prestar obediência a um povo que chega de longe, de repente e, com o poder das armas, se faz dono de toda uma situação na qual estão implicados valores ancestrais de língua, religião, etnia, costumes, coisas que conferem a cada povo o caráter de nação que o diferencia de outros povos.

É preciso, portanto, que a marca de tolerância tão elogiada na postura do conquistador romano seja vista com certa reserva e que, sobretudo, não faça esquecer a violência mais íntima com que cada povo dominado encarou a presença incômoda do invasor em seus territórios.

Não há referencial positivo que faça apagar a ferida interna causada pela destruição dos valores mais caros de uma nação, algo que está aliado, quase sempre, à destruição material, incendiária, arrasadora com o dominador quer demonstrar a sua força.

Mas, enfim, a romanização aconteceu e tantos povos, de língua, raça e cultura diferentes, adotaram, pelo menos em parte, a língua e a cultura dos vencedores, tornando este um fenômeno único na história da humanidade pela sua extensão territorial e pelo grande espaço de tempo em que consegue se manter.

Esta aula vai apresentar e analisar os fatores implicados neste processo.

ROMANIZAÇÃO

Já se disse anteriormente que Roma não tinha objetivos linguísticos em suas expedições de conquista. Quando se evidencia a tolerância da administração romana para com os povos dominados, não se pense que esta postura envolvia todos os aspectos da vida. Roma tolerava as religiões e culturas e até contribuía para a sua manutenção desde que não se opusessem aos princípios do direito e da justiça por ela concebidos, o célebre *Direito Romano*. Nunca, porém, abriu mão da parte econômica e sempre cobrou religiosamente os impostos que lhe considerava devidos.

Temos, nos evangelhos, um excelente demonstrativo da postura romana numa terra dominada. A Palestina da época de Jesus era administrada pelos romanos, que cobravam os impostos deste povo, mas enfrentavam sérios questionamentos da população: *É justo pagar tributo a César ou não?* (Mateus 22, 15-22).

A pergunta era capciosa e desafiadora, Jesus, aparentemente, não teria saída. Se recomendasse pagar o imposto, viria a reação violenta dos compatriotas que ali estavam: *Então estás contra o teu povo e a favor destes invasores?* Se dissesse o contrário, haveria, imediatamente, a acusação de que Jesus era contra o poder de Roma na sua terra, o que, certamente, o faria prisioneiro dos romanos como sendo um agitador. E a resposta veio com profunda sabedoria: *De quem é esta moeda? De quem é o rosto que ela estampa? ...Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus.*

Sabe-se da existência de bajuladores e aproveitadores, que congregavam simpatizantes sob a denominação de *herodianos*, declarando apoio aberto às forças dominadoras, o que, com certeza, não se fazia sem a negociação de cargos, posições e privilégios. Coisas da política de ontem e de hoje...

A terra bíblica, no entanto, é também um demonstrativo da antipatia e da aversão que a presença dos romanos suscitava, havendo, inclusive, um grupo de resistência política, uma espécie de guerrilheiros intitulada de *Zelotas*, recorrendo, não raras vezes, ao poder das armas contra a dominação romana. Os judeus possuíam, como nenhum outro povo, a consciência de ser o povo eleito de Deus, daí ser mais difícil aceitar ser dominado por uma nação de cultura essencialmente politeísta e de práticas morais permissivas e levianas.

O termo remete a *zelo*, *sentimento de ciúme amoroso*, pelo fato de ver alguém desejar a pessoa amada e dela querer apropriar-se sexualmente.

O termo na sua origem designa um movimento político judaico do século I com a finalidade de incitar o povo da Judéia a rebelar-se contra o Império Romano. O resultado foi a rebelião judaica ocorrida entre 66 e 70, levando outras facções (fariseus, saduceus e essênios) a também reagirem contra o poder de Roma, o que teve por desfecho a destruição de Jerusalém e do Templo de Salomão pelos romanos, temerosos de que os protestos na Judéia tivessem efeitos semelhantes em outras províncias.

Se todos os compêndios de filologia românica destacam e enaltecem a tolerância dos romanos e a aceitação quase tácita de todos os povos ao poder do invasor, é preciso ter cautela quando se trata de certos povos dominados, a exemplo dos judeus. Sabe-se também que a tolerância romana tem seus limites e que, numa terra estranha, os administradores do império a exemplo dos judeus e que, numa terra estranha, também viviam temerosos e não faltavam motivos para tanto, haja vista as constantes manifestações de insatisfação dos povos nativos, chegando, muitas vezes, ao recurso das armas e ao derramamento brutal de sangue.

As reações do poder chegam a absurdos terríveis como fizera Herodes ao mandar matar todas as crianças com idade inferior a dois anos pelo simples receio de que algum rei lhe pudesse ser superior (Mt 2, 16-18).

Também são conhecidas as perseguições cruéis movidas, desde Nero, contra os cristãos, cuja ideologia parecia querer abalar os alicerces do poderio de Roma.

Outros casos poderiam ser ventilados, no entanto temos o suficiente para perceber o quanto é relativa a tão propalada e elogiada tolerância dos romanos para com os povos conquistados.

No início de todo o processo de conquistas, os romanos até foram violentos em extremo querendo submeter a todo custo as populações dominadas. Aos poucos, porém, o costume de arrasar cidades e levar para Roma a população escravizada vai cedendo lugar à postura de criar a boa convivência no próprio território tornado província romana. Até porque o costume de transportar para Roma as populações subjogadas acabou por trazer sérios problemas para a sede do Império, tais como o superpovoamento da cidade, as dificuldades de conseguir provisões suficientes para matar a fome da população, problemas de moradia e ordem pública etc.

Reforçando o que já se disse, Roma não impunha sua língua, mas permitia o livre uso de cada idioma nativo, de tal sorte que a romanização ou a latinização acontecerão de forma indireta, na qual, segundo Bruno Fregni Basseto (Cf. p. 103-110), estão implicados os seguintes fatores:

O EXÉRCITO ROMANO

O exército romano era muito bem organizado em suas subdivisões a fim de facilitar o comando e o controle dos chefes sobre as tropas. Deve-se à estrutura militar o trabalho inicial de conquista e ocupação dos territórios e, logo em seguida, a realização de casamentos com as mulheres do local amplia a integração em cada província. Com a expansão territorial acentuada, aos poucos, os soldados (*militēs*), antes recrutados apenas entre os plebeus da península itálica, passam a ser buscados nas diferentes províncias.

A organização militar, como ainda hoje se observa, mantém-se à parte do comum da população em acampamentos de difícil acesso. Tais alo-

jamentos ou colônias militares, em latim *castra, castrorum*, passam a idéia de isolamento, de vida à parte, tal como se pode ver no termo latino, cuja etimologia remete à família em que também se enquadra a noção de *castrare*, ou seja, segregar, pôr à parte. Em termos linguísticos, fala-se de um *sermo castrensis*, que traduz as particularidades do linguajar dos soldados.

Neste sentido, não se pode acentuar demasiadamente a atuação dos militares como fator de integração; eles até o foram, mas na medida em que eram obrigados, por força do próprio ofício, a estar perto do povo e a manter com ele algum tipo de relacionamento. Outros setores podem ter igual ou maior importância no que tange à divulgação da língua e da cultura de Roma.

AS COLÔNIAS CIVIS

Tais colônias, também conhecidas por colônias agrárias, eram organizações menores, onde se instalavam cerca de 300 pessoas e tinham a finalidade de manter a ordem, reprimir possíveis rebeliões e produzir alimentos e bens de consumo. Povoando rapidamente campos e cidades, aceleravam também o processo de latinização, em que a língua e a cultura de Roma iam facilmente sendo assimiladas e ainda se conservam mesmo após a invasão dos bárbaros.

Nestes espaços ocupados pela população ampliam-se as possibilidades de contato, pois a necessidade de contato se faz bem mais intensa e as pessoas, devendo estabelecer relações de todo tipo, têm a língua como forte fator de integração.

A ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA

O poder de Roma, por meio de representantes confiáveis, praticamente se deslocava para as províncias nos mesmos moldes com que era exercido na capital do império. Os administradores locais tinham, além do poder administrativo, o comando da guerra, a interpretação e a aplicação das leis e até o exercício da pena de morte. O objetivo era manter a ordem e evitar rebeliões, em total fidelidade às orientações de Roma.

Pessoas ligadas à administração e funcionários mais graduados pertencem à aristocracia romana fazendo uso, portanto, do latim mais erudito, o *sermo urbanus*. Eles mantêm contato mais frequente com a capital, contribuindo para uma certa unidade do latim erudito por ser também a língua oficialmente usada nos documentos e levando, de algum modo, esta modalidade de língua até às províncias, fato que, certamente, deixa reflexos sobre os falares mais simples recebendo também a influência deles.

A grande influência dos administradores, porém, possui maior peso em meio às elites dominadas, que, à busca de títulos e cargos, tudo farão para assimilar a língua do dominador.

AS OBRAS PÚBLICAS

Muito se comenta sobre as grandes obras que marcaram a ação da administração romana. Inicialmente, as estradas pavimentadas com pedras refletem a preocupação de facilitar o acesso aos principais pontos dentro da própria Itália e com as províncias mais próximas e até as mais distantes, sendo notáveis os pontos de apoio aos viajantes e os serviços de manutenção constante.

Destacam-se ainda as obras para o abastecimento de água às cidades, nas quais se evidencia a competência técnica para criar reservatórios, fontes, termas, piscinas, saunas e consumidores particulares, para cuja administração se contava com a responsabilidade da comunidade.

Roma incentivava também os espetáculos públicos, construindo, para isso, teatros e estádios e, como é de se esperar, o latim teve papel preponderante nesses lugares.

Outros edifícios revelam o tipo de cultura da população romana: templos, arcos, bibliotecas, mausoléus podem ser também vistos como lugares de irradiação da língua latina. Quanto às escolas, nunca houve o desenvolvimento de um sistema próprio do Estado, mas é conhecido o empenho em valorizar pessoas de cultura, tais como os mestres gregos muito bem acolhidos na comunidade romana.

O COMÉRCIO

Todos os compêndios de filologia românica destacam a presença do exército romano como veículo de transformação e difusão do latim vulgar, mas não se pode esquecer a valiosa contribuição de todos os que se deslocaram de Roma até às províncias, sobretudo os comerciantes, cujo contato com as populações dominadas se fez com bem maior intensidade.

Importa, no entanto, repetir que a influência sobre a transformação do latim e dos falares locais se opera de forma indireta, isto é, sem a intenção de operar realmente sobre a linguagem.

Algumas atividades merecem especial destaque: taberneiros, negociantes, armadores e negociadores (banqueiros, industriais e donos de entrepostos). Todos eles são importantes no processo de transformação do latim e das línguas autóctones.

Tal como ainda hoje acontece, muitos fatores contribuem para a disseminação de uma língua. Para isso, nem sempre se faz necessário um propósito de cunho verdadeiramente linguístico: as próprias circunstâncias da vida vão favorecendo o uso da linguagem e o contato com outros falares, o que leva, muitas vezes, a transformações e adaptações de toda ordem, refletidas, como se verá adiante, no domínio fonético, morfológico, sintático e semântico. Foi assim com o latim e o fenômeno se repete tam-

bém na atualidade quando as línguas se relacionam entre si por força das necessidades comunicativas.

O papel da escola aparece posteriormente e quase sempre após ter lutado com todas as forças contra as possíveis adaptações, variações, querendo que vigore, inalteradamente e a todo custo, uma língua padrão sem *defeitos*, sem *contaminações*.

A este exemplo, os manuais de Filologia Românica costumam falar das reações de um gramático chamado *Probus* (século III), professor em Roma ou no norte da África. Num documento conhecido como *Appendix Probi*, ele apresenta uma relação de mais de 200 *erros* e suas respectivas *correções*. Na realidade, ele fez exatamente o que fazem hoje os gramáticos que se acham guardiões de uma única forma possível da língua e se escandalizam com as modalidades que vão surgindo e se impondo pelas vias do vulgar. Entre outras coisas, ele reclama de que o povo diz:

Articlus em lugar de *articulus*
Paupera mulier em lugar de *pauper mulier*
Nura em lugar de *nurus*
Socra em lugar de *socrus*
Speclum em lugar de *speculum*
Masclus em lugar de *masculus*

Se mais tempo ele vivesse, certamente teria outros dissabores ao constatar que, no âmbito da língua portuguesa, por exemplo, as variações prosseguiram, respectivamente, para as formas: *artelho*, *pobre mulher*, *nora*, *sogra*, *espelho* e *macho*.

Este assunto será visto mais adiante ao ser abordada a questão dos metaplasmos, mas é importante observar, por meio dessas ilustrações, como começam a acontecer certas modificações, tais como a redução do número de declinações, a caracterização de gênero e a adaptação fonética mediante a aplicação dos metaplasmos.

CONCLUSÃO

Mesmo sem ter objetivos expressamente linguísticos em suas ações invasoras, o povo romano leva a língua latina a todas as regiões conquistadas e consegue, pouco a pouco, transformar as línguas autóctones, mas não sem ver também profundas transformações no próprio latim. Neste processo denominado de *romanização*, incluem-se os fatores culturais, econômicos e políticos e, assim, o que daí resulta constitui-se um todo com características próprias: o latim e os falares autóctones inteiramente modificados, fundidos em novos idiomas contendo as marcas de ambos, mas inteiramente diversificados de região para região.

Uma certa tolerância dos romanos permite que as línguas e culturas autóctones também exerçam influência, mas nunca se deve esquecer que o dominador nunca dispensará o controle da situação. A queda do Império Romano acontece após sucessivos lapsos que facilitam, paulatinamente, as invasões bárbaras e a perda total do controle sobre as fronteiras e as cidades estabelecidas. Como se verá adiante, este será o terreno propício para a afirmação progressiva dos romances, os quais, também incentivados pela Igreja, vão adquirindo status próprio de língua despreendendo-se cada vez mais do latim.

Assim a *romanização* vai ceder lugar à *cristianização* e a Igreja vai crescendo em poder e prestígio, fazendo-se presente em todas as regiões conquistadas pelos romanos e ditando aos poucos uma nova origem motivada pelo trabalho de *evangelização*.

Outrora perseguida sob quase todos os imperadores a partir de Nero (54 – 68) e obrigada a refugiar-se nas trevas das catacumbas, a Igreja vai ganhando força desde que o imperador Constantino (início do século IV) se converte ao cristianismo e passa a conceder regalias e privilégios ao clero e aos cristãos.

Em muitos aspectos, são adotados os modelos administrativos dos romanos e muitas denominações que ainda povoam os meios católicos (paróquia, diocese, província, cúria, sumo pontífice, sua santidade etc.) não passam de simples empréstimos.

Tudo isso tem profundo reflexos sobre o fato linguístico e uma nova realidade se visualizada desde a queda do Império Romano e a progressiva ascensão da Igreja: é o caminho livre para a afirmação dos romances.

O poder e a influência de Roma sobre as províncias são coisas algo que se vão construindo paulatinamente, sendo muitos os fatores implicados nesse processo. O resultado final do que foi a transformação do latim e dos falares nativos é, na verdade, uma soma de valores que provêm de diferentes ângulos. Há muitos setores implicados neste processo, sendo maior ou menor a influência de cada um a depender do momento ou das circunstâncias, mas uma coisa é certa: a partir de um certo momento, nem

o latim nem as línguas autóctones terão mais as mesmas configurações anteriores e os passos vão evoluindo até as novas modalidades que as línguas implicadas adquirem.

Em filologia românica, essas são as considerações básicas para que se entendam os momentos posteriores até o desfecho daquilo que hoje se pode chamar de línguas neolatinas ou línguas românicas.

RESUMO

Importa fixar os conceitos de *Latinização* e *Romanização* que fazem pensar no processo em que, pouco a pouco, a língua e a cultura latinas foram sendo assimiladas pelos povos submetidos ao poderio de Roma.

Apesar de todos os manuais de filologia românica fazerem alusão à postura tolerante com que Roma tratava os povos dominados, não se pode desconhecer o outro lado da questão quando os administradores romanos se mostram fortemente violentos perante qualquer suspeita de reação negativa por parte dos dominados. Um exemplo bastante visível diz respeito à dominação romana na Palestina dos tempos do nascimento do cristianismo.

Não se pode negar que o desenvolvimento do Império Romano chegou a dimensões inacreditáveis e que para isso tenha contribuído uma certa filosofia do bom viver provinda de Roma. Nada, porém, seria possível sem a interferência de outros setores destacados no conteúdo desta aula: o exército, as colônias, o comércio, a administração etc. Cada um desses setores vem acrescentar uma contribuição específica ao processo. Importante é ter uma visão de conjunto sem negligenciar, portanto, qualquer um dos aspectos e ver a romanização que vai acontecendo lentamente, gerando um fato linguístico único na história dos povos. Até hoje o latim se faz presente, embora transformado nas diferentes línguas que pôde originar tendo penetração ampla em vários territórios do mundo.

Latinização e *Romanização* referem-se ao processo de assimilação progressiva da língua e da cultura latinas nos diferentes territórios dominados pelo poderio de Roma. Mesmo sendo tolerantes em alguns aspectos, os romanos conseguem subjugar e até aniquilar muitos valores dos povos dominados, muito embora os falares locais fundidos ao latim tenham originado as línguas latinas ainda vigentes.

Alguns povos, a exemplo dos judeus na Palestina, reagiram fortemente ao domínio de Roma e os traços deixados pelo latim nesta região não chegam a criar novos idiomas. Como também ocorre em outros lugares, muitos tiram proveito da presença dos invasores e adquirem cargos e privilégios, mas isso não atinge a maioria da população, que até se organiza em movimentos de guerrilha para livrar-se da presença incômoda do dominador.

Ainda que sem objetivos declaradamente linguísticos, o latim teve a seu favor as ações do exército romano e de outros setores da sociedade



romana, que necessitavam usar a língua como veículo de comunicação com as populações conquistadas. Serviram ainda de meio para a divulgação do latim as estradas, os monumentos, moedas e documentos escritos sob os mais variados pretextos.

O certo é que novos falares vão surgindo motivados por circunstâncias diversas refletindo, sobretudo, a necessidade e o poder da comunicação em todos os seus aspectos.

ATIVIDADES



- a) Explique em que consiste o processo de *romanização* ou *latinização*.
- b) Como você explicaria a tão propalada tolerância na postura dos romanos para com os povos conquistados?
- c) Que exemplo de resistência ao poder de Roma nos oferecem os povos palestinos dos inícios do cristianismo?
- d) Apresente detalhadamente as contribuições de cada setor da vida romana para a expansão da língua e da cultura latinas.

Continue o trabalho de ir construindo o glossário. Todos os conceitos básicos devem ser perfeitamente assimilados, pois eles sempre se mostrarão necessários na continuidade dos estudos filológicos. Prossiga a pesquisa com as palavras desta aula e vá acrescentando novas informações às anteriores, sempre guardando a ordem alfabética.

Eis os termos novos:

Latinização / Romanização / Zelotas / Fariseus / Saduceus / Essênios / Exército Romano.

REFERÊNCIAS

- BASSETO, Bruno Fregni. **Elementos de filologia românica**. São Paulo: EDUSP, 2005.
- ELIA, Sílvio. **Preparação à linguística românica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.
- GALVÃO, José Raimundo. **Alomorfias do léxico português**. São Cristóvão: EDUFS, 2008.
- _____. **Fundamentos da língua latina**. Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão - CESAD : EDUFS, 2008. 2 v.
- ILARI, Rodolfo. **Linguística Românica**. São Paulo: Ática, 2004.
- IODAN, Iorgu. **Introdução à linguística românica**. Tradução de Júlia Dias Ferreira. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1962.
- LAUSBERG, Heinrich. **Linguística românica**. Tradução de Marion Ehrardt e Maria Luísa Schemann. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1963.
- VIDOS, Benedek Elemér. **Manual de linguística românica**. Tradução de José Pereira da Silva. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.
- WEEDWOOD, Bárbara. *História concisa da linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2002.